

TEXTO 1

O conflito do Saara Ocidental

Rico em recursos naturais, o território ao noroeste da África está sob ocupação de Marrocos e não é reconhecido como um país.

Localizado ao noroeste da África, na região do Magreb árabe, o Saara Ocidental é, na prática, a última colônia em todo o continente, representando no âmbito das Nações Unidas um território não autônomo, visto que o tratado de independência nunca foi assinado. A área, de cerca de 266.000 Km² (tamanho aproximado do estado de São Paulo) é rico em recursos naturais, com uma das maiores reservas de fosfato do mundo, ao lado da extração de minério de ferro, pesca e areia. Recentemente, especula-se sobre seu potencial em reservas de petróleo e gás natural.

Quando os espanhóis saíram do território, dividiram-no entre o Marrocos e a Mauritânia. De acordo com o professor de Relações Internacionais Rodrigo Duque Estrada, da Universidade Federal de Pelotas, a Corte Internacional de Justiça emitiu um parecer consultivo dizendo que não havia laços de soberania que justificassem a apropriação do território pelos dois países. Discordando deste parecer, o rei marroquino Hassan II invadiu militarmente o território em outubro de 1975, iniciando o conflito armado, que durou até 1991 e cujos efeitos são sentidos até hoje.

É neste contexto que a Frente Polisário é criada e governa a parte livre do país (20%). Seu maior aliado é a Argélia, que deu apoio militar e logístico aos sarauí. Hoje o apoio ocorre por meio da instalação de campos de refugiados próximo à fronteira, na região de Tindouf, onde o país é administrado e vive grande parte da população. Por outro lado, Marrocos conta com o apoio de potências como França, Espanha e Estados Unidos para garantir que o Saara Ocidental permaneça como colônia.

Com o fim do conflito armado, o governo do Marrocos construiu um enorme muro para impedir a passagem dos cidadãos, com cerca de 2.700 Km de extensão, cercado de minas terrestre, impossibilitando que muitas pessoas voltassem para suas casas. Muitas inclusive nasceram e cresceram nesses campos.

Atualmente, as riquezas naturais são exploradas sem ressalva pelo Marrocos, principal interesse deste país no território. Essas jazidas são atacadas pelos rebeldes sarauí a fim de evitar a exploração desenfreada.

A ONU (Organização das Nações Unidas) acompanha o conflito e propõe que seja feito um referendo de autodeterminação para decidir sobre a independência. O Saara Ocidental reivindica que isso seja feito com a população que vivia no território antes da ocupação marroquina. Já o Marrocos deseja a consulta com toda a população, que inclui grande parte dos marroquinos que vivem no local, argumentando que investiu muito em infraestrutura na área ocupada. As negociações que estavam estancadas desde 2012 foram retomadas em 2018 na sede da ONU em Genebra.

Fonte: Viviane Gracel

Referências:

DUQUE ESTRADA, Rodrigo. **Geopolítica e o conflito do Saara Ocidental**: as rendas estratégicas do reino marroquino e a fabricação de terroristas do deserto. *Ritmo*. 11 abr. 2016. Disponível em:

<<https://www.ritimo.org/Geopolitica-e-o-conflito-do-Saara-Ocidental>> Acesso em 10 dez. 2018.

SANZ, Beatriz. **Entenda o conflito do Saara Ocidental, a última colônia africana**: território no norte da África, rico em recursos naturais, está sob ocupação do Marrocos e não é reconhecido como um país. *R7*. 22 set. 2018. Disponível em:

<<https://noticias.r7.com/internacional/entenda-o-conflito-do-saara-ocidental-a-ultima-colonia-africana-23092018>> Acesso em 04 dez. 2018.

Os conflitos na Nigéria

Questões religiosas e disputas por terras espalham tensão e já fizeram milhões de mortos.

A Nigéria é um país dividido: o sul é cristão, ocidentalizado e com recursos naturais e industriais; enquanto o norte é muçulmano, a lei vigente é a sharia (lei islâmica), o solo é desértico, sem recursos e altas taxas de analfabetismo, pobreza e desemprego. Um dos Estados mais castigados é Borno.

Foi justamente em Borno que nasceu o Boko Haram, movimento islâmico radical voltado à assistência social, doutrinação e protestos frequentes contra o governo central no que tange à corrupção, abandono e desmandos do Exército. Além disso, visa a criação de um Estado Islâmico. É neste território também que se encontra o epicentro da crise. Apenas 28 cidades e povoados do Estado permanecem em poder do Exército, inalcançáveis por terra e incomunicáveis entre si. Ao todo, 1,4 milhões de pessoas precisaram abandonar suas aldeias para se refugiar nessas espécies de ilhas sem qualquer recurso.

Diariamente dezenas de pessoas são assassinadas, sequestradas ou recrutadas. Segundo as Nações Unidas, estima-se em sete milhões o número de vítimas em termos humanitários. E os demais números também são alarmantes: cerca de cinco milhões passando fome, sendo que pelo menos 2.000 já morreram por isso apenas em Borno; aproximadamente 2,5 milhões foram obrigados a deixarem suas casas, expulsos ou refugiados nos países vizinhos; e cerca de 150.000 foram assassinadas.

E não pára por aí. Mais de 10.000 mulheres e crianças foram sequestradas: quase todas estupradas, muitas forçadas a se casar com combatentes e outras, geralmente meninas, obrigadas ao suicídio em mercados ou mesquitas com coletes explosivos presos ao corpo.

Por trás dessa violência étnico-religiosa também está a disputa por recursos naturais como o petróleo, cuja exportação é a base da economia do país, e por terras e a água entre pastores (maioritariamente muçulmanos) e agricultores (predominantemente cristãos).

Atualmente o conflito está ofuscado nas mídias pela guerra na Síria, porém, permanece intenso e sem trégua no norte da Nigéria, afetando também países como Níger, Chade e Camarões.

Antes que o conflito explodisse, as fronteiras entre a Nigéria e seus vizinhos eram permeáveis e os habitantes conseguiam atravessá-la para visitar familiares da mesma etnia ou ir a mercados. Hoje estão militarizadas e com as estradas e caminhos inutilizados, interrompendo a vida na bacia do lago Chade. De forma geral, o pano de fundo é o mesmo de outros conflitos na África: exploração de riquezas naturais, pobreza acentuadas e Estados quase falidos.

Fonte: Viviane Gracel

Referências:

CARRETERO, Nacho. **Dentro do inferno do Boko Haram**: EL PAÍS viaja a Nigéria, onde 1,5 milhão de pessoas se amontoam sem comida nem água fugindo do grupo islâmico que sequestra meninas. *El País*. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862_930917.html> Acesso em 04 dez. 2018.

IABELBERG, Carlos. **Conflitos na Nigéria envolvem questões religiosas e disputas por terras**. *UOL Notícias*, 03 mar. 2010.

Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2010/03/08/conflitos-na-nigeria-envolvem-disputas-por-terras.htm>> Acesso em 10 dez. 2018.

Massacre na Nigéria envolve religião e exploração de petróleo. *Correio Braziliense*. 09 mar. 2010. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2010/03/09/interna_mundo,178368/massacre-na-nigeria-envolve-religiao-e-exploracao-de-petroleo.shtml> Acesso em 10 dez. 2018.

O conflito no Canadá

Quebec, a luta por um novo país

Um dos conflitos étnico-separatistas da América é Quebec, maior província canadense e a segunda mais habitada, porém, com maioria descendente de franceses, diferente do restante do país com maioria descendente de ingleses ou escoceses. Embora menos conhecido que movimentos semelhantes como os da Catalunha e da Escócia, ele é bastante popular, perdendo o último referendo sobre a independência, em 1995, por pouco mais de 1% dos votos.

Para compreender essa questão, é necessário lembrar que o país foi inicialmente colonizado por ingleses e franceses. Os ingleses tomaram o controle da região em 1763 com a vitória britânica na Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Desde o início, a região às margens do Rio São Lourenço, onde se localizam Montreal e a cidade de Quebec, era ocupada por franceses. A partir da década de 1950, começou a crescer em Quebec um forte movimento nacionalista, e para amenizar a situação, em 1969 o francês foi declarado a segunda língua oficial do Canadá. Tal movimento resultou na realização de duas votações, uma em 1980 e outra em 1995 pela separação da província do Canadá. Em ambas as votações a maioria da população votou contra a independência.

A forte influência francesa confere à província características diferentes do restante do país. A maioria da população de Quebec é católica enquanto o resto do país é de maioria protestante; o idioma oficial é o francês, diferente das demais províncias que têm o inglês como idioma oficial; além da arquitetura diferenciada. É comum a presença de bandeiras do Quebec em varandas de residências, em contraponto às bandeiras do Canadá presentes nos prédios públicos e pontos turísticos.

Ao longo da década de 1960, Quebec exigiu do governo canadense maior autonomia para a resolução de problemas referentes exclusivamente à província, que passou então, a administrar seu próprio orçamento sem a supervisão do governo canadense. O nacionalismo quebequense cresceu bastante entre as décadas de 1960 e 1970.

Em 1974 o francês foi adotado como único idioma oficial da província, que até então era bilingue, considerando o inglês também como língua oficial. A luta pela independência tem como origem laços culturais e linguísticos.

Fonte: Viviane Gracel

Referências:

CARNEIRO, Pedro Henrique. **A questão da soberania do Quebec. Esquerda online.** 07 set. 2017. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2017/09/07/a-questao-da-soberania-do-quebec/>> Acesso em 10 dez. 2018.

MORI, Mario Fernando de. **Separatismo no Quebec, Canadá! Focos de tensões internacionais.** 08 set. 2008. Disponível em: <<http://focosdetensoesinternacionais.blogspot.com/2008/09/foco-21-separatismo-no-quebec-canad.html>> Acesso em 10 dez. 2018.